

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Siva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 32

Abril — 1883

2.º anno

DR. AUGUSTO ROCHA

É difficil escrever a biographia d'um amigo n'um paiz verminado de coteries litterarias e politicas, em que o merito real e solido passa muitas vezes despercebido, quando não é calumniado, e em que a banalidade subserviente peja os aditos do pantheon da immortalidade.

É tão abundante o numero dos insignificantes gloriosos que um dos primeiros receios que nos tomam ao querer fallar de um homem de merecimento comprovado, é que nos meçam esse homem pelo estalão dos pigmeus inchados de parvoice, que ahí estão glorificados pelos plutarchos vadios do jornalismo indigena e de que nos assaltem a dignidade suppondo-nos collegas n'essa vadiagem.

Como porém, apesar de todas as nossas debilidades, nos sentimos com hombros de Atlas para supportar o peso d'estes criticos de cerebro imponderavel, vamos fallar do dr. Augusto Rocha com a mesma serenidade e a mesma despreocupaçao de espirito, com que fallariamos, por exemplo, de D. Affonso Henriques.

Augusto Rocha tem todas as qualidades e todos os defeitos do seu temperamento impetuoso e batalhador, rico de bom sangue plebeu. A lucta da vida não é para elle, transformista convicto, uma simples figura de rethorica; é, depois de um elevado principio scientifico, uma verdade real e tangivel, de flagrante applicação pessoal. Elle combate contra as difficuldades da sciencia que cultiva, contra as resistencias da sua profissao de medico e contra os estorvos do meio social em que se agita com a valentia de um gladiador antigo e com a altivez cavalheirosa de um paladino. Sente-se, ao examinalhe a vivacidade penetrante do olhar, a animação intelligente da physionomia e a energia e a precisão da gesticulação pittoresca sem ser abundante, que está alli um luctador, para quem todas as resistencias devem ser um incentivo e todos os obstaculos um estimulo; vê-se que está alli um homem, na mais nobre accepção do termo, quer dizer, uma poderosa força intel-

lectual ao serviço de uma vontade energica e aguerrida.

N'este nosso pequeno meio portuguez, d'onde os ventos da civilisação ainda não conseguiram dissipar a fumarada espessa de estupidez fradesca, que nos asphyxiou

A nullidade pacata e matreira sente-se atacada no seu direito consuetudinario á fortuna, e quando surge d'entre o vulgo anonymo assim um homem de estatura elevada e erecta a abrir caminho para as filas da frente, exclusivamente pelo esforço do seu braço, a multidão cerra-se compacta em volta d'esse homem, e elle, ou tem de dispôr de uns musculos de aço para conquistar á força de luctas e de trabalhos um logar, que os velhacos e os manhosos alcançam depressa, ou tem de se deixar ir na onda e chegar ao seu fim quando lá chegarem os mais nullos e os mais obscuros. Augusto Rocha conta para tudo com o vigor do seu pulso e procura por isso abrir caminho na vida como na antiga guerra se assaltava uma praça, batendo-a de frente ou tomando-a á escalada. As impaciencias nervosas do seu temperamento vigoroso e aguerrido, se lhe dão muitas vezes triumphos brilhantes e inesperados, levam-no a algumas outras a heroismos inuteis, embora gloriosos.

São estes desastres improduttivos da sua generosa irritabilidade contra a velhacaria triumphante ou contra a banalidade acatada, que constituem, para os sonsos que o detestam, os capitulos de accusação a este revolucionario inconstricto.

Adivinha-se que Augusto Rocha, com uma organisação assim rica de todas as seivas explosivas do caracter e do talento e educado intellectualmente pela mais ampla e completa das disciplinas mentaes que nos fornece a sciencia contemporanea, o estudo da medicina moderna, que elle cultiva com o enthusiasmo de um poeta e com a dedicação de um philosopho, não pôde deixar de ser um democratista sincero e convicto.

Quando opportunamente se fizer a historia do movimento democratico em Portugal sobre os documentos, que está fornecendo a essa futura narrativa o drama pacifico, mas por ora incomprehendido, dos acontecimentos, de que nós todos somos espectadores e actores, ha de ver-se que esse movimento, apesar de poderosamente influenciado pelo espirito da Franca republicana, tem um accentuado cunho de originalidade na preponderancia do espi-



DR. AUGUSTO ROCHA

durante seculos, sobretudo n'este exiguo meio provinciano, todo cheio de besbilhotes miudinhas de soalheiro, uma individualidade como a de Augusto Rocha, armada de ponto em branco pela natureza para a lucta da vida, ergue em volta de si, como um rochedo no meio do oceano, todos os despeitos da inercia satisfeita, todos os rancores da inutilidade feliz e todas as aggressões da velhacaria invejosa.

rito positivo e scientifico que o determina, sobre o antigo sentimentalismo doutrinário e jacobino, que caracterizou por muito tempo a opinião democratica na Europa, e de que está penetrado o nosso generoso e patriótico movimento revolucionario de 1820. Essa benéfica influencia da diffusão do espirito positivo na politica portugueza dissidente, dando-lhe uma grande firmeza de intuitos, torna-lhe particularmente fecundos e decisivos os processos pacíficos de propaganda e de combate.

Augusto Rocha, quer como jornalista quer como orador, tem já hoje o seu nome gloriosamente preso a esta auspiciosa renovação do espirito nacional.

Sempre que a opinião publica se tem ahí erguido a reclamar contra as inépcias ou contra as traficâncias d'esta vergonhosa politica de serralho, que nos está quotidianamente aviltando e arruinando, Augusto Rocha tem em todas as occasiões collocado o seu talento, a sua penna, a sua palavra e a sua prodigiosa actividade ao serviço da causa dos insurgidos, que é a causa da verdade e da justiça.

Levar-nos-hia muito longe a apreciação minuciosa de todos os factos da vida de Augusto Rocha, demonstrativos do vigor das suas convicções democraticas e da elevação dos seus dotes como jornalista, como homem de sciencia e como tribuno. Certos porém de que elle terá de abrir uma larga carreira de triumphos na sua vida, já hoje tão rica de bons exemplos de energia de caracter e de vigor de intelligencia, apresentamos ao correr da penna e sem explanações, que o espaço nos não comporta, os seguintes dados biographicos, que resumem os seus 34 annos incompletos.

Augusto Rocha nasceu em Coimbra a 30 de julho de 1849. É filho de Mathias Rocha — um velho liberal que combateu com as armas na mão contra o despotismo miguelista — e de D. Maria da Graça. Tendo concluido sempre com distincção os seus preparatorios do lyceu em 1866, matriculou-se em outubro d'este anno na universidade, no 1.º anno de mathematica e de philosophia. Em 30 de julho de 1875, dia em que fazia os seus 26 annos, completava o seu curso de medicina, sendo altamente classificado em todas as disciplinas d'esse curso, e em 9 de julho do anno seguinte tomava o grau de doutor.

Em 1877, havendo duas substituições vagas na faculdade, apresentou-se a concurso, sendo excellentemente classificado. Não foi porém provido na cadeira, porque tendo sido tres os concorrentes, dos quaes Augusto Rocha era o mais novo, a faculdade, considerando-os por igual em merito scientifico, propoz para base de preferéncia a antiguidade dos cursos, principio que o governo adoptou. Em 1882, dando-se uma outra vaga na faculdade, fez segundo concurso, sendo despachado lente substituto por decreto de 5 de abril de 1882, logar de que tomou posse em 18 d'aquelle mez e anno. Antes mesmo porém de ser professor foi n'esse anno de 1882 chamado pela universidade para reger a cadeira de anatomia. Actualmente tem a seu cargo o ensino da pathologia geral.

Ha de Augusto Rocha publicados os seguintes trabalhos: *Das modificações que a respiração introduz no sangue* (Ensaio de physiologia humana), Coimbra, 1872, trabalho publicado quando era apenas alumno do 2.º anno medico. — *Estudos sobre o amygd animal* (Dissertação inaugural), 1876. — *Das injeções intra-venozas do choloral no tratamento do tetano* (Dissertação de concurso), 1876. — *Observação de uma coxalgia tratada pela redução brusca da articulação doente com anesthesia previa* (Methodo de Bonnet), de collaboração com o dr. Philomeno da Camara, 1878. — *A medicina legal no processo Joana Pe-*

reira (Quesitos e respostas), 1878, trabalho de collaboração com os seus dois collegas drs. Philomeno da Camara e José Nazareth, com os quaes fundára n'esse anno em Coimbra um posto-medico, mas trabalho cuja redacção pertence a Augusto Rocha, bem como a do volume seguinte. — *A medicina legal no processo Joana Pereira* (Quesitos e respostas; ultimas palavras), 1880. — *Origens e caracter da epopeia portugueza* (Conferencia no Instituto por occasião do tricentenario de Camões), 1880. — *Estudos sobre o systema nervoso* (Diagnostico das molestias do canal vertebral), 1882. — *As ultimas questões academicas* (Replica a um escriba anonymo), 1882.

Nem a nossa falta de competencia, nem o espaço de que dispomos nos permitem fazer uma critica mesmo ligeira d'estes diversos trabalhos de tão diversa indole. Em todos elles porém se revelam as poderosas qualidades intellectuales de Augusto Rocha, que reúne a uma grande consciencia scientifica, eminentes dotes de escriptor e de polemista. Os dois volumes publicados sobre a questão Joana Pereira, em que Augusto Rocha tinha por impugnadores dois homens do valor de Sousa Martins e Curry Cabral, são particularmente notaveis pela extensão do seu saber medico, pelo vigor da sua argumentação e pela riqueza do seu estylo brilhante, pittoresco e incisivo.

Em 1869 collaborou com Correia Barata, Bernardino Machado, dr. Senna e outros academicos no jornal scientifico *Estudos cosmologicos*, de que sahiram apenas quatro numeros, e em 1881 fundou o jornal a *Coimbra Medica*, de que é director e redactor principal e onde o charlatanismo do Assis, de Faro, tem levado uma lição severissima e merecida.

Em janeiro de 1878 fundou com o dr. José Falcão e o auctor d'estas linhas um jornal politico *A Justiça*, de que se publicaram 48 numeros e cujos artigos do fundo são todos de Augusto Rocha, á excepção de cinco, que são os dos n.ºs 36, 37, 38, 40 e 42. *A Justiça* era jornal declaradamente republicano, que morreu gloriosamente, depois de seis mezes de vida honrada, ás mãos dos caloteiros.

Augusto Rocha começou com *A justiça* a affirmação publica e cathorica das suas opiniões politicas, sinceramente democraticas. Depois d'isso a sua palavra e a sua penna tem estado sempre ao serviço da propaganda republicana, já como collaborador do *Seculo*, já como orador em diversos comicios, conferencias e reuniões politicas.

Em setembro de 1879 levanta-se em Coimbra a questão do entroncamento do caminho de ferro da Beira Alta. Augusto Rocha colloca-se á frente da opinião coimbreense, que pede que esse caminho de ferro entronque na linha do Norte, em Coimbra, e, com aquella actividade febril que caracteriza o seu temperamento laborioso, publica convites para *meetings*, redige protestos, elabora representações, discursa nas reuniões populares com aquella eloquencia impetuosa e viva, em que elle vasa todo o fogo e toda a energia do seu talento, vae a Lisboa apresentar aos poderes publicos as reclamações dos habitantes de Coimbra, e, vendo-se afinal ludibriado na sinceridade dos seus esforços pelas boas palavras de um ministro da coroa, tira individualmente a mais inesperada e singular desforra d'essa tralhalice ministerial.

Na noite de 16 de setembro d'aquelle anno, com effeito, achando-se hospedado no hotel dos Caminhos de Ferro em Coimbra o fallecido conselheiro Saraiva de Carvalho, então ministro das Obras publicas, junta-se á porta do hotel uma grande multidão para ouvir uma philharmonica com

que os progressistas vinham saudar o seu illustre correligionario. Esse ministro porém era o que havia promettido em Lisboa a Augusto Rocha, como presidente da commissão popular, empregar todos os esforços para que o caminho de ferro da Beira partisse d'aqui, e que faltára a essa promessa por não querer ou não poder cumpril-a. Augusto Rocha não é homem para tolerar taes processos mesmo a um ministro da coroa, e por conseguinte na occasião em que a philharmonica progressista vinha saudar esse ministro, e que este apparecia á janella do hotel para agradecer a saudação, Augusto Rocha surge a uma janella fronteira, e, alli deante d'aquella multidão estupefacta da audacia, diz a esse ministro, frente a frente, tudo o que a sua dignidade offendida e o seu justo ressentimento lhe ditaram. A lição foi por tal fórma severa e oportuna, que a musica mettoe os trombones debaixo do braço e salfou-se, a multidão applaudiu entusiasmada, os progressistas sumiram-se e Saraiva de Carvalho não tornou a apparecer á janella.

Augusto Rocha tomou tambem uma parte activa e decisiva em 1881 na agitação patriótica contra o tratado de Lourenço Marques, verberando energicamente essa negociata ignobil em dois discursos notaveis proferidos n'um *meeting* em Coimbra, e indo a Lisboa ao comício da rua de S. Bento, onde não pôde tomar a palavra, por causa do desabamento do tablado, que lhe produziu um pequeno ferimento n'um braço. Expoz porém a sua opinião sobre este e outros assumptos em diversos centros republicanos onde foi apresentado, e em todos os quaes discurso brillantemente.

Nas ultimas eleições geraes foi ao Porto ao salão da Porta do Sol apresentar a candidatura republicana de Alves da Veiga, e o discurso proferido n'essa occasião passa, para os que o ouviram, por um notabilissimo trecho de eloquencia.

A ultima reunião popular em que a sua voz se fez ouvir foi n'um *meeting* aqui em Coimbra contra a Salamancaada.

A sua mais recente publicação — *As ultimas questões academicas* — é um protesto vigoroso e eloquente contra o fóro universitário, protesto imprudentemente provocado pelas insinuações insidiosas de um pamphletario anonymo, que enguliu em silencio a correção, e determinado pela justiça da causa, que Augusto Rocha, apesar de lente da Universidade, não hesitou em defender generosa e proficientemente.

Novo, intelligente, com uma saude vigorosa, uma actividade incansavel, um estudo persistente, sequioso de gloria, com a sua vida de familia adoravelmente constituída, com uma excellente reputação de clinico e professor na Universidade, Augusto Rocha tem deante de si um largo futuro a conquistar e hade conquistal-o, porque lhe sobra a vontade e porque lhe não falta nem a energia do caracter nem o vigor do talento.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

OS SACERDOTES DE CHRISTO E A RELIGIÃO

Há hoje proximamente 19 seculos que surgia do seio da humanidade o homem que devia ser o primeiro vulto d'ella. Gastam-se, escurecem-se, perdem-se, com o decorrer dos tempos na memoria dos povos, os nomes afamados de Cezar, de Alexandre, de Napoleão, cujos feitos grandiosos assombraram o mundo; sepultam-se nas trevas de esquecimento, pelo continuo perpassar dos seculos, os nomes desses heroes que, pelo esforço de suas armas, con-

quistaram a admiração universal, dominaram o mundo e avassalaram a humanidade; e não se perde, não se olvida, nem se olvidará jámais o nome d'um homem que, pela simples palavra, conseguiu o que já mais conseguiram todos os heroes, todos os gigantes, todos os potentados da terra! Esse homem chamava-se Christo. Mas é que elle não fazia a infame guerra fratricida; na sua passagem o solo não se manchava de sangue, não se juncava de cadaveres: a humanidade não derramava as lagrimas amargas do desespero nem soluçava os ais sentidos da escravidão. A guerra que elle fazia era a guerra sublime porque era a guerra pacifica. Era a guerra santa da verdade contra a superstição, da razão contra o absurdo, da luz contra as trevas, do amor contra o odio, da liberdade contra o captivo, da indulgencia contra o despotismo; era, enfim, a guerra da demolição para a reconstrução. Regenerando a humanidade, levantando-a do Cahos, fundava uma religião baseada nessa maxima sublime e immortall: — Não faças a outrem o que não quizeres que te façam.

— Num momento de indignação, sacudia do Templo os seus profanadores e, abandonando enfim o mundo, acompanhado do duplo titulo glorioso de deus e de martyr, deixava nelle os sacerdotes do seu culto a quem mais tarde a corrupção devia arrastar a mercadejarem no proprio Templo como o haviam feito aquelles a quem Jesus expulsara chicoteando-os. A cubia poderou-se delles e a religião de Christo foi deturpada. Que o diga a Companhia de Jesus semeando o odio, a discordia e o terror no meio dos povos; que o digam as sumptuosidades do Vaticano substituindo a santa pobreza e a admiravel abnegação daquelle a quem o Papa representa; que o digam enfim os povos, com cuja crença se mercadeja como se não fora terreno inviolavel e vedado á ambição e á cubia.

Uma das causas que mais repugnantes se nos afiguram na religião catholica, é a dispensa de parentesco concedida pelo Papa, a troco de certo numero de mil réis que se façam entrar nos cofres da Igreja, e por ventura, nos do Clero. Nós bem sabemos que, para que a sociedade subsista, são absolutamente indispensaveis as leis que a governem; sem ellas existiria a humanidade e não a sociedade: e isso seria o Cahos. Um instincto mais ou menos ferroz, ingenito do homem, reprimido se não annullado pela civilização, desenvolver-se-hia aproximando-o da irracionalidade; a Confusão e a Morte sentar-se-hiam no mesmo throno, cercadas do seu enorme sequito de Torpezas. Civilisado o homem, é dupla a ordem de leis, a que lhe cumpre obedecer: para o cidadão, para o membro da sociedade, as leis por ella estabelecidas, as leis sociaes: para o homem individual, as leis da propria consciencia e da razão; isto é, as leis moraes. Mas se a civilização e o bem-estar collectivo e individual dos povos dependem directamente das leis porque elles se regem, é claro que esse bem-estar será mais ou menos completo segundo sejam mais ou menos sabias, justas e equitativas as leis a que hajam de sujeitar-se. No numero dessas leis sociaes, para obviar á pratica do acto irracional e selvagem da união incestuosa, estabeleceu-se que, aos parentes de certo grau, fosse vedado o contrahirem o matrimonio. É racional e é justo. Porem, o que não é justo, o que não é racional é que, aquelles a quem é licito fazel-o, o seja, sómente, quando para isso hajam dispendido certa quantia; isto é, quando reciprocamente se hajam comprado!

Para o regular: andamento da vida social, o homem em determinadas circumstancias, pode ou não casar: se não é licito fazel-o elle não pensará n'isso; e se

o é, que o faça sem um tal impedimento afim de que não haja de realizar uma compra na pessoa de sua mulher se porventura a quiser possuir. Será pois isto justo? Não. Será racional? Vejamos.

Supponhamos que dois jovens, levados pelo sentimento do amor ou pelo desejo sagrado de constituir familia, se pretendem despozar; mas são parentes, são primos, por exemplo, logo não o podem fazer porque isso affrontaria as leis divinas e humanas. Dispendida porem certa quantia, ficarão por isso desaffrontadas as mesmas divinas e humanas leis? Deixaram, por isso, de ser parentes e primos aquelles dois entes? Se aquella união podia ser considerada incestuosa aos olhos do mundo, deixou acaso de o ser, sómente porque os nobentes se despojaram de certa quantia? Mais ainda, deixou acaso por isso de existir a consanguinidade entre elles?! Não. Aos olhos do mundo realisou-se uma compra; aos olhos de Deus talvez uma torpeza! Supponhamos ainda (como é vulgar) que os nobentes, pela sua extrema pobreza não podem dispor dessa quantia, não a possuem: nesse caso, despedacem-se os laços que ligavam aquelles corações; sacrifique-se esse sagrado sentimento pelo qual tendiam a unir-se; esmague-se esse pendor sublime, ideal de duas almas, procurador da filicidade domestica e aponte-se-lhes assim o caminho da mancebia, porque a Igreja, porque o Clero não pode subsistir sem que essa magra quantia concorra para abarrotar seus cofres! Objectar-nos-hiam por ventura, que essa quantia se applica á petição que a S. S. se faz, mas qual será então o motivo porque ella é mais ou menos importante segundo o grau de parentesco seja mais ou menos affastado? Não é a petição a mesma? Não se trata igualmente de annullar a consanguinidade entre dois individuos?

Ousamos alimentar a grata esperança de vermos ainda expurgada desta e outras indignidades (que assim se nos afiguram) a doce, pura e sublime religião do suave Jesus.

JOSÉ EUGENIO DOS SANTOS.

SAUDAÇÃO

AO EMINENTE ESCRITOR PORTUGUEZ

THEOPHILO BRAGA

POR OCCASIAO DO SEU 40.º ANNIVERSARIO NATALICIO

En costumo curvar-me ao busto do talento,
As cabeças geniaes. Bem como um Espartano
Curva-se ao heroe, ao general preclaro
En curvo-me saudando o sabio Lusitano.

Oh! salve luctador, philosopho profundo,
Oh! mestre grande e bom, de méritos reaes
Perante o vulto teu se curva a mocidade
Em fervida ovação, em cantos immortaes.

A legião de sóes que te circunda a fronte
E ganha com orgulho a palma da Victoria
Ha de gravar activa em traços rutilantes
Teu nome colossal no marmore da Historia.

Exulta pensador! das cuplas do infinito
Descem radiações interminas de luz
Que enchem de esplendor o filigido caminho
Por onde senhoril a gloria te conduz.

Exulta pensador! do cráneo teu possante
Brotam scintillações de luz resplandecente
Que inundam-nos o peito em ondas chrystallinas
Assim como do mar a impavida corrente.

Deixa que a phalange augusta dos obreiros
Venha dizer-te agora em notas delirantes
O que lhe corre n'alma — o preito mais sincero
Que podem produzir uns cerebros pensantes.

O templo é do trabalho, a lucta é sempre grande,
E mister pelear em prol da humanidade
Faça-se a luz ao mundo, a luz que vivifica
Os peitos juvenis da arcente mocidade.

Oh! mestre! tu que tens a fronte coroada
De lucidos laureis, purissimos, formosos,
Exulta, que a sciencia em fibulos ardentes
Entrebre para ti os braços vigorosos

Já sóa pelo espaço a musica sonora
Da arfa do teu nome augusto, triumphal,
E tens nos corações dos meços que trabalham
Um echo esplendoroso em impeto immortal.

A Historia, ella ahí está, esplendida, arrogante
Para abraçar-te o nome aureolado, ingente
A ti, profundo heroe, philosopho moderno
A ti, oh! escriptor intrepido, eminente.

Pernambuco.

CLAUDIO DOS SANTOS,
(Alumno de Direito)

O FUNDO DO MAR

O *Travailleur* navio de marinha de guerra franceza, fez como todos sabem, uma curiosa exploração das grandes profundidades do mar. De um trabalho apresentado á academia por A. Milne Edwards, ácerca d'essas investigações submarinas, tiramos as seguintes e curiosas informações scientificas:

A luz solar penetra difficilmente as camadas da agua que mais transparente seja, e a umas centenas de metros a obscuridade deve ser completa. Como se dirigem, portanto, os animaes, tão variados, que vivem ali? Uns são cegos; caminham ás apaladellas, servindo-lhes apenas de guia as percepções do tacto, do ouvido e do olfacto. E esta a razão porque certos orgãos, por um justo systema de compensações, se desenvolvem immensamente. As antenas de muitos crustaceos desprovidos de olhos attingem um comprimento extraordinario; são por assim dizer, o bordão do cego. Outros animaes, pelo contrario, possuem olhos enormes resplandecentes de phosphorescencia, trazendo por isso commigo um foco luminoso, que explica o desenvolvimento do seu aparelho visual. A phosphorescencia estende-se muitas vezes por quasi todas as superficies do corpo d'estes animaes, e muitas especies, principalmente as estrellas do mar, os polypeiros ramosos e outros brilham na obscuridade.

Uma noite a nossa rede vinha para bordo carregada de zoophyos ramosos da familia dos Isis. Estes animaes emittiam scintillações de um admiravel effeito. Repentinamente despediam raios luminosos de uma côr esverdeada, que se extinguiram para surgir de novo, correndo pelas hastes d'estes coraes e succedendo-se com tal rapidez e intensidade que nos era possível ler á luz d'este facho singular.

Admitte-se geralmente que a côr é inseparavel da luz, e que os seres que nunca vêem o sol possuem sempre tons sombrios ou pallidos e sumidos. Nem sempre assim succede, porque nos sitios mais escuros do Oceano, habitam animaes dotados de côres vivas e resplandecentes: o vermelho, a côr de rosa, a violeta, a purpura e o azul veem-se alli com profusão. — A maior parte dos lagostins que fervilham no fundo das suas aguas são de um esplendido carmin. As enormes Holothurias têm o aspecto de amethystas; e ha uma grande estrella do mar que excede em belleza ás que existem disseminadas pelas nossas costas; a elegancia das suas fórmãs, os seus vivos reflexos alaranjados tornam-na verdadeira maravilha. Descoberta nos mares do norte por um naturalista norueguez, que ao mesmo tempo um poeta distincto, d'elle recebeu o nome de *Brisinga*, termo este que, nas lendas scandinavas designa uma das joias da deusa Freja. E realmente é uma joia esta estrella das profundezas do oceano.

Se os animaes pullulam nas regiões mais inferiores do Oceano, nas camadas mais

profundas das aguas, ás plantas não succede outro tanto. As algas de frondes verdes, vermelhas e violetas, tão communs nas proximidades das nossas costas, não poderiam viver na obscuridade; deixam de apparecer logo que se passa além de 250 metros. Portanto d'onde extraem estes animaes dos abysmos o seu alimento, não sendo possível que o constituam na totalidade, dos elementos mineraes? Só os vegetaes podem, com os gazes que constituem o ar e com os corpos inermes, elaborar materias organicas, que depois vão servir de alimento aos herbivoros e, por intermedio d'estes, aos animaes carnivoros. — É forçoso pois admitir que os alimentos, preparados á superficie das aguas, sob a influencia dos raios do sol, caiam pouco a pouco, como um maná, nos desertos sub-marinos, onde planta alguma pode desenvolver-se.

Á medida que nos elevamos nas vertentes de uma alta montanha, o frio torna-se cada vez mais intenso. Pois o mesmo succede ao mergulharmos no mar: descendo gradualmente chega-se a camadas quasi geladas. Os grandes valles do Oceano são atravessados por correntes que, partindo dos pólos, se dirigem para o equador. Nas proximidades das ilhas Canarias, os nossos thermometros, mergulhados a 4:000 metros, marcaram apenas 2 graus acima de zero, enquanto que a temperatura da agua que nos rodeava era de 25 graus. D'aqui resulta que as condições de existencia, tão variadas, proximo das costas, segundo o clima, tornam-se uniformes a uma certa distancia da superficie liquida; e que os mesmos animaes poderão habitar ao norte e ao sul, proximo dos pólos e sob o equador, contanto que saibam conservar-se na camada dotada da temperatura conveniente. Não nos devemos pois, admirar que o *Travailleur* achasse, nas profundezas do golfo da Gasconha ou nas costas da península iberica, a par de especies suppostas peculiares ás regiões do norte, outras especies que só haviam sido notadas nos mares das Antilhas.

A bordo do *Travailleur* havia o proposito de não desprezar cousa alguma para achar e estudar o *Bathybius*. A busca não foi difficil porque muitas vezes no meio do lodo, vimos essa substancia enymatica, e submettendo-a ao exame do microscopio, fomos obrigados a reconhecer que não merecia as honras que lhe haviam feito, nem as paginas eloquentes que lhe consagram. O *Bathybius* não não é mais do que um acervo de mucosidades que as esponjas e certos zoophytes largam quando os seus tecidos são raspados pelos aparelhos de pesca. O *Bathybius*, que occupou por tanto tempo o mundo scientifico, deve portanto descer do seu pedestal e voltar ao nada.

(DO FIGARO).

A NATURESA

Ao valente tribuno do povo,
Dr. Sebastião de Magalhães Lima

Quem és tu, oh Deosa de que tudo falla? Quem és e d'onde procedes, qual o teu céo? Vens de Deos? E d'onde procede elle? Deves sabel-o! — Um mysterio! respondes-nos, impondo-nos o silencio da morte caçados de interrogar-te! Sempre tu deante de nós, e dentro de nós também! Se olhamos para a terra, dizes-nos que ali te occultas no teu lidar incansante, tocando as raizes das arvores, inoculando-lhe a seiva que deve subir até á sua ramagem

produzindo os fructos que tem de colorir! Tocando-as, dizes: produz até que diga: basta!

Se te procuro dentro de mim, respondes-me: — Como a arvore, soffrerás o predomínio da minha immutavel lei; egual para tudo, absolutamente tudo!... Como as plantas, receberás o frio, a chuva, o calor; tudo, fatalmente tudo! Que me importa, que á planta tua favorita tentes prolongar a vida com o teu cultivo esmerado, se eu lh'a quizer tirar sae com a rapidez do relampago?

Ella, a natureza, que não reconhece poder superior ao seu, responde sempre ao grande, ao poderoso na terra, ao tentar, devido a esse poder prolongar a sua vida: Trabalha! insignificante; preparando uma excepção á regra que te impuz, que eu, ao mais leve sopro te lançarei no nada!...

Tão mysteriosa, como methodica oh! natureza a quem diviniso, só tu és sabia e grande tendo por base d'esta grandeza a igualdade! — Instigando-nos ao estudo, dizes-nos para que te admiremos: retalha o cadaver do grande, na terra; não te preocupes com a posição que o tomou um semi-Deos, e como no cadaver do plebeu, verás n'elle um coração, visceras, sangue, ossos; o sangue gellado pela morte em que tu mandas, sem que a expressão da morte differencie os dois cadavres, perfeitamente eguaes em tudo!

N'um, e n'outro, o receptaculo do saber que lhe concedestes; uma porção de carne e ossos, onde fizestes desencadear um mixto de sentimentos, segundo os teus caprichos!

(Continúa)

J. DE ROSIERS.

OS CANALHAS

(Prélio a Luiz Quillinan)

Ó canalhas, cuspi o vergenhoso insulto
Nas faces da nação que tanto haveis roubado:
Os applausos tereis de um rei acovardado,
Que beija os vossos pés e vae render-vos culto!

Out'ora em Portugal ergueu-se um grande vulto,
Que vacillar vos fez no atrevimento ousado!
Mas só nos restam hoje exemplos de um passado
Em que da patria o amor não era ainda sepulto!...

Assim pensava alguém... e o seu pensar mentia:
Ha ainda quem exalte em terras de estrangeiros
O nome portuguez que um Bright calumnia!

Ha ainda um povo honrado em patria de negreiros,
Que sabe repellir a baixa villania
De um bando de bretões canalhas e grosseiros!

REKAREDO.

CHRONICA

Os factos mais palpantes d'esta quinzena, foram os commentarios por parte da monarchia devassa, e as manifestações espontaneas e entusiasticas que tem sido dirigidas por todos os verdadeiros patriotas ao nosso concidadão, austero e dignissimo major do exercito portuguez, o denodado Luiz Quillinan, que, com o maior e mais decidido amor patrio soube devolver á face execranda do deputado Jacob Bright, o insulto que em pleno parlamento britannico, tinha dirigido á nação portuguez!

A *Galeria Republicana* orgulha-se de registar nas suas paginas o nome de Luiz Quillinan, indicando-o ás gerações futuras como um benemerito da patria. Lavrando ao mesmo tempo um solemne protesto contra esse governo corrupto, poltrão e devasso, que com o nome de *regenerador* vae regenerando o nosso país, conduzindo-o para a banca-rotal... começando por deixar cobrir d'insultos esta infeliz nação digna

de melhor sorte! e não satisfeito com tudo isto, deixa-nos roubar algumas colonias, outras entrega-as ou de mão beijada ou por tratados leoninos á *fiel aliada* dos nefastos Braganças, para assim lhe agradecer os insultos infames que nos dirigem!

Infeliz Portugal! quando terás um governo digno do nome que occupas na Historia! quando, *Zé-povinho!* quando farás valer o unico direito que a lei te concede, o voto, elegendo homens honestos e patriotas que no parlamento façam respeitar os teus sacratissimos direitos, e não uma carneirada submissa ás ordens do senhor de Bragança! quando isso succeder amigo *Zé*, não haverá um *digno par* que peça um correctivo para os officiaes do exercito que felicitam algum patriota sincero e dedicado, como agora aconteceu a respeito das felicitações dirigidas por officiaes briosos, ao seu camarada Luiz Quillinan!

*
* *

Correu com insistencia que havia crise ministerial, mas afinal não passou de boato. Então era lá possível que *Antonio, o caro*, deixasse o poder d'estes reinos nas vespéras da viajata real! então o *principe do...* *tozão* não havia de ir gosar as delicias da viajata e compartilhar com o seu amo e senhor os *entusiasticos vivas e os festejos deslumbrantes!* Nem pensar n'isso é bom, meu amigo. Que importa que as nossas colonias sejam occupadas, umas pela França, outras pela Inglaterra! que importa que o povo emigre, o commercio definhe, a agricultura morra, o philoxera vá devastando as vinhas, unica fonte de riqueza agricola do paiz, se o senhor de Bragança quer divirtir-se e gosar! vae tu amigo *Zé*, alargando os cordões á bolsa para pagares todas essas frescadas e orgias, visto que não te resolves a correr de vez com toda essa cafila de vampiros que te suga até a ultima gota de sangue.

*
* *

No penultimo domingo realisou nas salas do *Club Henriques Nogueira*, o illustre deputado republicano dr. Manuel d'Arriaga a conferencia que tinha sido annunciada, dissertando largamente sobre a *união da sociedade portugueza por meio do regimen democratico*. Como é costume a vastissima sala do Club estava litteralmente cheia de damas e cavalheiros, sendo o conferente delirantemente applaudido.

*
* *

Os Jesuítas continuam a fazer das suas; n'estes ultimos dias tem tido largos commentarios o procedimento d'essas aves de rapina, d'esses monstros, d'esses abutres do collegio de Campolide que, — com consentimento d'esse devasso governo que para vergonha nossa, amigo *Zé*, se conserva nas cadeiras do poder — continuam a embrutecer as creanças que lhes caem debaixo das garras aduncas e não contentes com isso as espancam barbaramente! Mas o que parece impossivel é que haja paes tão faltos de conhecimento que entreguem os seus filhos a tão nefandos monstros, que em vez de os instruirem os bestializam.

DANTON.

No proximo numero daremos o retrato do illustre cidadão o sr. Clemanceaux.